

Ensino em perspectiva inclusiva: validação de uma sequência didática para estudantes com deficiência intelectual

Teaching in an inclusive perspective: validation of a didactic sequence for students with intellectual disabilities

Sorahia Monteiro de Souza
Valéria de Souza Marcelino
Décio Nascimento Guimarães
Instituto Federal Fluminense (IFF)
Campos dos Goytacazes-Brasil

Resumo

A busca por estratégias pedagógicas que assegurem a aprendizagem de todos os estudantes traz oportunidades e desafios na construção de uma escola que contemple a diversidade humana. Para que esse direito seja garantido, a escola deve oportunizar recursos e estratégias para que o processo inclusivo aconteça. O objetivo principal deste artigo é apresentar as contribuições da validação de uma sequência didática (SD) para estudantes com deficiência intelectual dos anos iniciais do ensino fundamental na área de linguagens. O planejamento de uma SD associada a recursos tecnológicos digitais proporciona aulas mais interativas, organizadas, sistematizadas e dinâmicas, oferecendo diferentes ferramentas e possibilidade de práticas diversificadas que podem auxiliar no aprendizado dos estudantes. A validação foi realizada por meio de uma entrevista com duas professoras do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Pela análise dos dados, verificou-se a importância da validação da sequência didática na construção de práticas de ensino adequadas à realidade dos estudantes e do contexto em que estão inseridos.

Palavras-chave: Sequência didática; Ensino em Perspectiva Inclusiva; Recursos Tecnológicos Digitais.

Abstract

The search for pedagogical strategies that ensure the learning of all students brings opportunities and challenges in building a school that contemplates human diversity. For this right to be guaranteed, the school must provide resources and strategies for the inclusive process to take place. The main objective of this article is to present the contributions of the validation of a didactic sequence (DS) for students with intellectual disability in the early years of elementary school in the area of languages. The planning of a DS associated with digital technological resources provides more interactive, organized, systematized and dynamic classes, offering different tools and the possibility of diversified practices that can help students' learning. Validation was carried out through an interview with two teachers of Specialized Educational Assistance (SEA). By analyzing the data, it was verified the importance of validating the didactic sequence in the construction of teaching practices adequate to the reality of the students and the context in which they are inserted.

Keywords: Didactic sequence; Teaching in an Inclusive Perspective; Digital Technological Resources.

Ensino em perspectiva inclusiva: validação de uma sequência didática para estudantes com deficiência intelectual

1. Introdução

A educação é um direito garantido desde a promulgação da Constituição Federal Brasileira em 1988, que a preconiza como “direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988, p. 123), devendo o ensino ser ministrado com base em princípios, dentre os quais a “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (Brasil, 1988, p. 123).

No que se refere a uma educação inclusiva, são grandes os desafios para efetivar mudanças conceituais, políticas, pedagógicas e atitudinais coerentes com o propósito de garantir o direito de todas e todos à educação, assegurando condições de acesso, participação e aprendizagem de todos os estudantes, como preconizado pela Constituição Federal de 1988 (Brasil, 2015). Dessa forma:

o processo inclusivo exige da escola novos posicionamentos que implicam um esforço de atualização e reestruturação das condições atuais [...] para que os professores possam adequar suas ações pedagógicas à diversidade de aprendizagem dos estudantes (Guimarães; Cristofoleti; Perovano, 2020, p. 19).

Sendo necessário repensar, buscar alternativas e ações que possam contribuir de forma significativa na construção da aprendizagem pelos estudantes com deficiência (Guimarães; Cristofoleti; Perovano, 2020). Nesse contexto, o uso de diferentes estratégias pedagógicas certamente contribui para o aprendizado dos estudantes.

Nesse sentido, fundamentado nas ideias de Zabala (1998) e Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), foi pensada, elaborada e validada uma Sequência Didática (SD) na área de Linguagens, tendo como tema o Ururau da Lapa¹, de forma a contribuir com a aprendizagem dos estudantes com deficiência intelectual, desenvolvendo as atividades propostas numa perspectiva inclusiva. Nesse contexto, a elaboração da sequência didática foi pautada na Teoria Histórico-Cultural de Vigotski (Vigotski, 2021), associando diversos recursos tecnológicos digitais para mediar o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Nesse artigo, por questão de espaço, não serão abordados os aspectos relacionados ao planejamento e elaboração da SD.

A validação representa um procedimento sistemático de avaliação de determinado instrumento de ensino, para verificar seu desempenho e, conseqüentemente, a

confiabilidade dos resultados (Guimarães; Giordan, 2013). No caso da validação de uma SD, este é um procedimento recomendado, pois é possível direcionar as atividades de forma bastante específica à realidade a qual será aplicada em virtude da amplitude de olhares sobre tais atividades, sobretudo vindo de quem possui experiência docente sobre o tema (Jardim; Marcelino, 2021). Sendo assim, o objetivo principal deste artigo é apresentar as contribuições da validação de uma SD para estudantes com deficiência intelectual nos anos iniciais do Ensino Fundamental na área de Linguagens.

A fim de atender esse objetivo, a presente pesquisa tem abordagem qualitativa (Ludke; André, 1986), quanto à coleta de dados, optou-se pela entrevista semiestruturada (Aguilar; Ozella, 2006) e ficha de validação de SD (Jardim; Marcelino, 2021). Para a validação duas professoras com experiência docente no Atendimento Educacional Especializado (AEE) responderam a ficha de validação da SD, a partir de seus conhecimentos teórico-práticos e de experiências profissionais. Assim, foram apresentadas detalhadamente todas as aulas da SD para que as professoras avaliadoras fizessem as considerações cabíveis e/ou sugerissem mudanças.

Por meio das respostas obtidas na ficha de validação de SD, realizou-se a análise das mudanças sugeridas pelos professores, acatando-as ou não, com base nos pressupostos teóricos que fundamentam essa pesquisa e seguindo a análise da ficha de validação de SD realizada por Jardim e Marcelino (2021). Portanto, não será utilizada uma metodologia de análise de dados.

Além da introdução, a sessão 2 apresenta uma breve conceituação de SD e suas características principais. Logo após, são apresentados os encaminhamentos metodológicos, os resultados e discussões e as considerações acerca da pesquisa.

2. Sequência Didática e seus aspectos relevantes

Nesta seção, apresenta-se cada aspecto relevante para a SD em questão, então, inicialmente define-se o conceito de SD, bem como sua relevância para o processo de ensino e aprendizagem. Em seguida, trata-se dos recursos tecnológicos digitais aliados a uma SD.

A SD é definida por Zabala (1998, p. 18) como “o conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos estudantes”. As atividades propostas são organizadas de maneira a aprofundar o tema que está sendo estudado, utilizando variadas estratégias: leituras, aula dialogada, simulações, jogos didáticos,

Ensino em perspectiva inclusiva: validação de uma sequência didática para estudantes com deficiência intelectual

atividades práticas experimentais, uso de sons, imagens, vídeos, animações e diversas combinações (Zabala, 1998). Assim, Zabala (1998) destaca a importância da utilização das SD, propondo a utilização de atividades diversificadas e consequentemente aulas mais atrativas e dinâmicas.

Já na proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82), “sequência didática é o conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral, textual ou escrito”. Deve ser um instrumento que contribui com os professores no desenvolvimento das aulas e na orientação do trabalho docente e deve contribuir para aprofundar os conhecimentos que os estudantes têm de um determinado tema (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004). Nessa perspectiva, a SD pode ser um instrumento potencializador da aprendizagem, ao tornar o processo significativo para os estudantes.

Ainda no sentido de que os estudantes aprendam e aprofundem seus conhecimentos, Queiroz *et al.* (2020) sugerem aliar recursos tecnológicos digitais à SD, caracterizando, dessa forma, um novo paradigma do conhecimento e abordagem pedagógica, caracterizando mais uma estratégia para melhorias no ensino e aprendizagem. O planejamento de uma SD associada a recursos tecnológicos digitais proporciona aulas mais interativas, organizadas, sistematizadas e dinâmicas, oferecendo diferentes ferramentas e possibilidades de aulas diversificadas, que podem auxiliar no aprendizado dos estudantes. Consequentemente, ocorre o desenvolvimento da autonomia e a capacidade argumentativa dos discentes, ampliando o aprendizado e compreensão do tema (Amorim, 2020). Para que esse desenvolvimento ocorra, existe a necessidade do planejamento, da intencionalidade e da significação da SD ao contexto dos estudantes.

Martínez e James (2012), esclarecem que a utilização de recursos tecnológicos digitais de forma crítica, consciente e planejada no contexto escolar pode trazer benefícios, como oportunizar o acesso ao conhecimento e ampliar as possibilidades de participação dos estudantes. No que se refere à escolha de tais recursos, a fim de que sejam utilizados de forma pedagógica, deve-se primeiramente avaliar as características dos estudantes, a atividade proposta pelo professor e os objetivos pretendidos. Uma escola acolhedora respeita as diferenças e busca construir coletivamente uma pedagogia que visualiza nas diferenças novas formas de ensinar e aprender (Sartoretto; Bersch, 2010). Desta forma, as estratégias e os recursos utilizados devem ofertar condições aos estudantes de participarem ativamente,

eliminando assim as barreiras que dificultam ou impedem a aprendizagem.

A presença de recursos tecnológicos digitais justifica-se devido a sua disseminação na sociedade, o que exige reflexões sobre as possíveis contribuições para a prática docente, repensando o contexto educativo, buscando estar em consonância com as novas formas de circulação das informações (Silva *et al.*, 2017).

Assim, uma sequência didática associada a recursos tecnológicos digitais pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades nos estudantes por meio de práticas diversificadas, que utilizem imagens, sons e textos, integrando linguagens multissemióticas e tecnologias multimídias, conforme preconizado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018). Nesse sentido, ressalta-se a necessidade da inserção dos recursos tecnológicos digitais no contexto educacional como instrumentos facilitadores da aprendizagem.

Segundo Mendes (2021), para a consolidação de formatos de aprendizagem diversificados, que contemplem a diversidade humana, os recursos tecnológicos digitais devem ser estratégias de combate e redução das desigualdades educacionais na construção de metodologias que singularizem a aprendizagem. Destacam-se, assim, os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), que buscam impulsionar o uso e o desenvolvimento de recursos educacionais sob uma perspectiva inclusiva, que atenda a todos os estudantes. Sobre o conceito de inclusão, Mantoan (2005, p. 24) define como “[...] a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós”. Faz-se necessário o reconhecimento e o respeito as diferenças e peculiaridades individuais na busca de estratégias para o desenvolvimento e construção do conhecimento.

Pletsch *et al.* (2021, p. 36) afirmam que o estudante com deficiência intelectual pode apresentar “especificidades em seu raciocínio, planejamento, solução de problemas e compreensão de ideias complexas que envolvem conhecimentos mais abstratos.” Por isso, na busca por estratégias e metodologias de ensino diversificadas, os recursos tecnológicos digitais podem ser suportes para a aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes com deficiência intelectual (Pletsch *et al.*, 2021).

Conforme Galvão Filho (2009), educação e escola inclusiva pautam-se na diversidade humana, propondo mudanças em diferentes âmbitos na estrutura escolar, entre elas a organização e disponibilização de diferentes estratégias pedagógicas e tecnologias educacionais, observando as necessidades e singularidades de cada estudante. Cabe ressaltar

Ensino em perspectiva inclusiva: validação de uma sequência didática para estudantes com deficiência intelectual

as contribuições da Teoria Histórico-Cultural para os processos de aprendizagem do estudante com deficiência, para a independência e a autonomia dos sujeitos, nos mais diferentes espaços, pois cada estudante aprende de formas diferentes e em tempos diferentes (Vigotski, 2021).

Com vista a atender as singularidades, os recursos pedagógicos e de acessibilidade colaboram para que pessoas com deficiência participem ativamente do processo escolar. Esses recursos consistem em estratégias, ações, meios, práticas ou materiais didáticos para alcançar objetivos determinados e que ofereçam condições aos estudantes de participarem ativamente de todas as estratégias de ensino oferecidas pela escola, visando à eliminação de barreiras que dificultem ou impeçam a aprendizagem (Sartoretto; Bersch, 2010).

Em uma SD, a organização da estrutura e da dinâmica é um elemento primordial no planejamento das atividades. Por isso, devem estar articuladas de acordo com os objetivos propostos. Assim, esse processo se consolida por meio da validação da SD, consistindo nas análises e avaliações de cada uma de suas fases, visando a definição dos conteúdos, identificação das estratégias de ensino e a seleção de dinâmicas e metodologias (Guimarães; Giordan, 2013).

Portanto, cada aspecto abordado nessa seção evidencia que uma SD bem planejada é essencial para melhorias no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, sobretudo para a inclusão daqueles que apresentam algum tipo de deficiência. A validação de uma SD a torna ainda mais relevante, uma vez que diferentes olhares lançados sobre ela, leva a melhorias e mudanças na SD proposta, que podem contribuir para a aprendizagem dos estudantes, ao sucesso ou insucesso e a diversidade de ações possíveis no desenvolvimento das atividades (Firme *et al.*, 2009).

3. Metodologia

O presente trabalho possui abordagem qualitativa, que tem o ambiente como fonte de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. O pesquisador deve ter contato estreito e direto com o fenômeno estudado para presenciar o maior número de situações em que este se manifeste (Ludke; André, 1986). Consonante com o objetivo da presente pesquisa, as professoras validadoras puderam sugerir novas atividades ou mudanças na SD, de acordo com seus conhecimentos prévios, para aperfeiçoá-la e dirimir erros que poderiam prejudicar sua execução (Guimarães; Giordan, 2013).

Visando atender ao objetivo principal dessa pesquisa, participaram da validação da SD duas professoras do AEE objetivando expor suas impressões em relação às atividades propostas, à forma como serão apresentadas, aos recursos tecnológicos digitais utilizados e possíveis entraves.

Para que a validação da SD fosse um fator relevante para a pesquisa, os professores participantes foram escolhidos com base nos seguintes critérios: i) ter experiência docente na área de AEE; ii) ser pós-graduado na modalidade *stricto sensu* em qualquer área que abranja a Educação Especial e Inclusiva.

O trabalho do professor do AEE voltado para o estudante com deficiência intelectual consiste em realizar ações específicas para aprendizagem e desenvolvimento, essencialmente na Sala de Recursos Multifuncionais (Gomes; Polin; Figueiredo, 2010). O papel do professor AEE é um atendimento complementar, constituindo-se em uma proposta pedagógica inovadora que pretende compreender e atender às necessidades e especificidades, de forma a dar a complementação, o suporte necessário, para garantir a aprendizagem dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento (TGD) ou altas habilidades/superdotação (Giroto; Poker; Omote, 2012).

A SD foi entregue previamente às professoras avaliadoras e de posse da ficha de avaliação, puderam sugerir mudanças, expressaram suas impressões em relação a aspectos da SD, propondo sugestões de melhorias ou informações que julgassem relevantes para a aplicação das atividades a serem desenvolvidas em 2 turmas do 5º ano, com 22 estudantes cada, sendo 3 estudantes com deficiência intelectual.

Ressalta-se que por ser uma pesquisa qualitativa não existe a necessidade de um número mínimo de sujeitos investigados e sim a profundidade com que se imerge no fenômeno de interesse, apresentado nos dados coletados, neste caso por meio das entrevistas semiestruturadas, com base na teoria de Aguiar e Ozella (2006).

A análise dos resultados foi realizada de forma qualitativa, levando em consideração as avaliações feitas pelas professoras em relação à cada aula da SD, tal análise se pautou no que propuseram Jardim e Marcelino (2021) em sua análise de uma SD. Pautou-se no aporte teórico adotado na pesquisa, e quando necessário, foi feita a inclusão de outros autores (Ludke; André, 1986).

Enfatizando a importância da SD elaborada, visando a alcançar os objetivos da pesquisa e promover novas ações nas práticas de ensino na perspectiva inclusiva,

Ensino em perspectiva inclusiva: validação de uma sequência didática para estudantes com deficiência intelectual

apresentam-se as discussões sobre cada alteração sugerida e acatada após a validação da SD em questão.

4. Resultados e Discussões

As mudanças propostas pelas professoras avaliadoras, que serão identificadas pelas letras A e B, geraram alterações na SD, nas atividades planejadas e nos recursos tecnológicos digitais propostos. Como resultados apresenta-se cada mudança proposta e acatada, acompanhada da justificativa para tal, justificativas estas sempre pautadas nos aportes teóricos. Ressaltando-se que tal análise tem por base o que já foi realizado e publicado por Jardim e Marcelino (2021).

O Quadro 1 apresenta a avaliação feita da aula 1.

Quadro 1 - Validação aula 1

A	<ul style="list-style-type: none">• Expressou que gostou das atividades elaboradas para essa aula;• Sugeriu trazer a atividade de construir o Ururau da Lapa com materiais reaproveitáveis da aula 04 para a aula 01;• Destacou que a escola está trabalhando nas aulas com a temática Meio ambiente, o que seria um ponto positivo para o aprendizado dos estudantes;• Sugeriu que fosse solicitado previamente aos estudantes que trouxessem os materiais reaproveitáveis para confecção do Ururau e deu como sugestão o trabalho com rolinhos de papel, pois garrafas de polietileno (PETs) exigem o uso de tesoura, o que acaba deixando o material perigoso, podendo ocasionar acidentes;• Elencou a possibilidade de que pudessem ser utilizados dedoches na contação da história, contribuindo para o desenvolvimento de noções relacionadas à consciência corporal.
B	<ul style="list-style-type: none">• Sugeriu que o Quiz fosse gravado em formato de vídeo no <i>YouTube</i>, assim, haveria a possibilidade de reprodução em <i>Smart Tv</i>, recurso do qual a escola dispõe. A avaliadora destacou que não haveria quantitativo de computadores disponíveis e em bom funcionamento para atender todos os estudantes.

Fonte: Elaboração Própria.

A professora “A” propôs o trabalho com a questão da sustentabilidade e essa sugestão foi acatada pois segundo Bertolleti (2009), ao se mostrar a possibilidade de reaproveitamento transformando materiais que seriam descartados em algo novo, contribuiu-se para mudanças de postura em relação aos resíduos sólidos. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a consciência ambiental deve estar incluída e desenvolvida na formação do educando de forma continuada e permanente (Brasil, 1996).

Outra sugestão proposta e aceita parcialmente foi acerca da utilização dos dedoches, Rodrigues e Costa (2017) destacam que quando os estudantes utilizam o próprio corpo como ferramenta de trabalho no cotidiano escolar, exploram-se possibilidades motoras, sociais e intelectuais com significação e fim determinado, o que acaba por se transformar numa estratégia facilitadora do aprendizado. Cabe enfatizar a importância da atividade do brincar

para o desenvolvimento infantil (Vigotski, 2021). Essa mudança foi aceita parcialmente, pois utilizou-se o palitoche, devido a questões de viabilidade técnica.

Outro fator destacado pela avaliadora 01 acende um alerta de que muitas escolas não possuem infraestrutura para a utilização de recursos tecnológicos digitais no processo de ensino e aprendizagem. Essa escassez funciona como um entrave para a utilização desses recursos de forma pedagógica, visto que ofertam uma multiplicidade de possibilidades de aprendizado por meio de estratégias que podem representar mudanças nas práticas tradicionais de ensino (Martins; Maschio, 2014).

Diante do exposto, conclui-se que a ausência de recursos tecnológicos digitais restringe as interações educativas para garantir a participação e o acesso ao currículo pelos estudantes com deficiência, pois o uso de estratégias pedagógicas associadas a recursos tecnológicos digitais pode contribuir no processo de escolarização do estudante com deficiência intelectual, ao colocar o sujeito aprendiz como protagonista, oferecer recursos que possibilitam a participação ativa e dinâmica e possibilitar o desenvolvimento de várias áreas do conhecimento, como a leitura e escrita, a matemática, as ciências, as artes, entre outras (Carneiro; Costa, 2017). O Quadro 2 apresenta a avaliação da aula 2 da SD.

Quadro 2 - Validação da aula 2

A	<ul style="list-style-type: none"> • Expressou que gostou das atividades elaboradas; • Sugeriu que na atividade de releitura fosse proposto apenas um formato de releitura: desenho e pintura; • Sugeriu montar uma exposição no pátio da escola com os trabalhos desenvolvidos, para que toda comunidade escolar pudesse apreciá-los; • Ponderou que os estudantes que fossem escolhidos para realizar a releitura por outros formatos poderiam não se identificar com o formato de releitura do grupo de trabalho, o que poderia acarretar desmotivação na realização da atividade.
B	<ul style="list-style-type: none"> • Sugeriu que os estudantes realizem o mesmo formato de releitura para não gerar desmotivação nos estudantes; • Destacou a possibilidade de utilização de QR Codes e do Padlet como forma de divulgar o trabalho desenvolvido pelos estudantes.

Fonte: Elaboração Própria.

A sugestão da avaliadora A sobre a realização das atividades que envolvam expressão artística foi acatada pois conforme Matera e Leal (2016) a arte é um fator relevante no processo de aprendizagem dos estudantes com deficiência intelectual. As propostas metodológicas por meio da arte podem fomentar a construção de práticas, que possibilitam a diversificação e a ampliação do alcance da ação pedagógica, propiciando situações mediadas pelo educador e voltadas para a superação das limitações, considerando as possibilidades e potencialidades de desenvolvimento e construção do conhecimento. Nesse

Ensino em perspectiva inclusiva: validação de uma sequência didática para estudantes com deficiência intelectual

sentido, as vivências artísticas constituem-se em processos inclusivos

Outra sugestão acatada, foi da avaliadora B, em relação ao uso de QR Codes, pois diante dos avanços tecnológicos na sociedade, os recursos tecnológicos digitais se apresentam como possibilidades no ambiente educacional, representando uma mudança de postura frente ao conhecimento. Nesse contexto, o uso de QR Codes de maneira pedagógica no processo de ensino e aprendizagem é potencializado, a partir das inúmeras possibilidades de utilização com critério e planejamento, buscando fomentar e incrementar novas atividades, objetivando despertar o interesse, a motivação e o sentimento de desafio (Cortez, 2019).

Avançando-se na análise da SD, o Quadro 3 apresenta a avaliação da aula 3 da Sequência Didática.

Quadro 3 - Validação da aula 3

A	<ul style="list-style-type: none">• Expressou que na atividade de montagem da história em quadrinhos, por meio do programa <i>StoryboardThat</i>, os estudantes podem utilizar figuras e balões impressos, visto que a escola dispõe de poucos computadores, o que impossibilitaria a utilização individual.
B	<ul style="list-style-type: none">• Sugeriu que a história em quadrinhos pode ser montada no site <i>Canva</i>, e que, ao trabalhar o tema onomatopeias, os sons apresentados na atividade poderiam ser reproduzidos através de um dispositivo de áudio.

Fonte: Elaboração Própria.

Acerca destas alterações sugeridas pela avaliadora A, depreende-se que mais uma vez coloca-se em pauta a questão da escassez de recursos tecnológicos, que muitas escolas brasileiras vivenciam, que muitas das vezes geram adaptações no desenvolvimento das atividades propostas. Porém, cabe ressaltar que tecnologia educacional não é sinônimo de recursos caros, pois Joly (2002) destaca que o uso do lápis e papel em sala, de forma intencional e planejada, pode propiciar várias possibilidades de trabalho. Assim, essa mudança foi acatada, devido a escassez de recursos tecnológicos no contexto de desenvolvimento da pesquisa, gerando mudanças no desenvolvimento da SD.

No que se refere à sugestão para utilização de áudios no ensino de onomatopeias, proposto pela avaliadora B, essa prática vem ao encontro de Barbosa Filho (2005) pontuando que na sala de aula o áudio age como elemento motivador do aprendizado, como ferramenta de apoio na utilização de estratégias pedagógicas para a construção do conhecimento.

Segue o Quadro 4 que apresenta a avaliação da aula 4 da SD.

Quadro 4 - Validação da aula 4

A	<ul style="list-style-type: none"> Expressou que a apresentação teatral deveria ser feita em grupos, onde cada um apresentaria uma parte da história previamente entregue pelo professor, dando sequência na encenação teatral. Ao final do processo, todos já teriam se apresentado e assim encerrado a história.
B	<ul style="list-style-type: none"> Expressou que a apresentação teatral deveria ser gravada e apresentada para outras turmas. Isso contribuiria para aumentar o engajamento nas preparações e ensaios, para que a gravação ficasse satisfatória. Em momento posterior cada turma da escola seria convidada a assistir à gravação da apresentação.

Fonte: Elaboração Própria.

As sugestões das avaliadoras foram acatadas pois conforme Portela (2021), o trabalho com jogos teatrais pode auxiliar no desenvolvimento dos estudantes com deficiência intelectual, pois afloram a criatividade, a espontaneidade e o desenvolvimento de habilidades e competências. O autor destaca que o ensino da arte através de jogos teatrais é uma metodologia de trabalho para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Ragazzon e Salume (2020) destacam que o fazer teatral propicia o desenvolvimento da percepção de si, da relação com o corpo do outro e a relação com o espaço. O Quadro 5 apresenta a avaliação da aula 5 da SD.

Quadro 5 - Validação da aula 5

A	<ul style="list-style-type: none"> Sugeriu que os estudantes executassem a atividade de produção do livro (planejamento, elaboração, escrita e ilustração) em duplas, promovendo assim o trabalho colaborativo.
B	<ul style="list-style-type: none"> Sugeriu que as atividades de produção do livro poderiam ser desenvolvidas em duplas ou no máximo em trios, de maneira colaborativa, ressaltando que além desse quantitativo poderia ocasionar a participação insatisfatória, devido ao número de estudantes trabalhando numa mesma atividade.

Fonte: Elaboração Própria.

As sugestões foram acatadas, pois entende-se, juntamente com Felipeto (2019) que a escrita em sala coloca os estudantes dialogando para construir um único texto. Na escrita colaborativa, a presença do outro pode suscitar um processo de reflexão sobre a linguagem maior do que individualmente. Isso porque o sujeito é levado a escrever sobre os questionamentos próprios e também sobre os do parceiro. O formato colaborativo favorece uma troca de saberes, já que a interação demanda negociação e resolução de problemas concretos que surgem durante a escrita, permitindo que o professor observe o que os estudantes pensam enquanto escrevem, a partir do diálogo estabelecido entre eles.

Em relação à SD em sua totalidade, destaca-se que as aulas propostas e os recursos tecnológicos digitais foram consideradas pertinentes pelas professoras avaliadoras, que consideraram consonantes com as habilidades e os objetivos propostos. Após o processo de

Ensino em perspectiva inclusiva: validação de uma sequência didática para estudantes com deficiência intelectual

validação, foram realizadas as mudanças propostas na SD e as que foram acatadas encontram-se apresentadas no quadro 6.

Quadro 6 - Mudanças realizadas na SD após a validação dos professores

Aula 01	<ul style="list-style-type: none"> • A atividade proposta de confecção do personagem principal da história com materiais reutilizáveis encontrava-se inicialmente na aula 4 e foi transferida para a aula 1.
Aula 02	<ul style="list-style-type: none"> • A proposta da atividade de releitura era em diferentes formatos: por meio de desenho e pintura, por meio de texto escrito, por meio de texto oral (gravação de voz). Na validação, foi sugerido que a releitura fosse realizada apenas no formato de desenho e pintura. Observação: Na SD disponibilizada, optou-se por manter diferentes formatos de releitura por constituírem outras possibilidades de trabalho.
Aula 03	<ul style="list-style-type: none"> • A atividade de montagem da história em quadrinhos seria realizada no aplicativo <i>StoryboardThat</i>, porém, devido aos poucos computadores disponíveis na escola, que não atendem ao quantitativo de estudantes da sala, foi sugerido que a atividade fosse realizada disponibilizando imagens e balões impressos para os estudantes fizessem a montagem da história em quadrinhos no papel. • Observação: Na SD disponibilizada, foi mantida a proposta de realização da atividade no site <i>StoryboardThat</i>. • Na sequência proposta inicialmente na atividade sobre histórias em quadrinhos, não havia a proposta de trabalho com onomatopeias utilizando a reprodução de sons. Após a validação, essa sugestão foi incorporada na sequência.
Aula 05	<ul style="list-style-type: none"> • A encenação teatral será dividida em atos para que cada grupo de estudantes apresente uma parte da história, dando assim continuidade na apresentação do grupo anterior. No final, a história estará finalizada e todos terão se apresentado. Anteriormente, a proposta era de apresentar a parte que mais gostaram da história.
Aula 06	<ul style="list-style-type: none"> • A criação do livro será feita em duplas, assim, os estudantes poderão trabalhar de forma colaborativa. Anteriormente, não havia uma especificação quando ao número de estudantes que fariam essa atividade.

Fonte: Elaboração Própria.

Sobre a SD, esta abrange algumas habilidades a serem desenvolvidas nos anos iniciais do Ensino Fundamental a partir das orientações da BNCC (BRASIL, 2018), na área de Linguagens, encontrando-se dividida em 5 encontros de 4 horas /aula. A SD, após o processo de validação, encontra-se em formato simplificado no quadro 7, com as alterações realizadas em negrito no texto.ⁱⁱ

Quadro 7 - Sequência Didática de Linguagens com o tema Ururau da Lapa para o 5º ano do Ensino Fundamental

SEQUÊNCIA DIDÁTICA–TEMA: URURAU DA LAPA (LENDA REGIONAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ)
<p>Objetivo Geral</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer e valorizar a importância cultural do folclore regional, por meio da lenda do Ururau da Lapa, com atividades diversificadas aliadas ao uso de recursos tecnológicos digitais.
1ª AULA–DURAÇÃO: 4 HORAS
Desenvolvimento

-Previamente o professor pedirá que os estudantes pesquisem informações junto a seus pais e/ou familiares sobre a lenda regional de Campos de Goytacazes-RJ, Ururau da Lapa.

-O professor iniciará a aula por meio de uma conversa com os estudantes, tendo como tema o Folclore Brasileiro.

-O professor mostrará aos estudantes algumas imagens e livros de personagens folclóricos, perguntando quais os estudantes conhecem e suas características. Nesse momento o professor deve expor o que é folclore enfatizando sua importância para a cultura brasileira.

-Após esse momento inicial, o professor falará para os estudantes que eles estudarão sobre uma lenda regional da cidade de Campos dos Goytacazes: Ururau da Lapa.

-O professor estabelecerá uma conversa sobre o tema, a partir das informações prévias a respeito da lenda pesquisada e trazida pelos estudantes para a sala.

-Dadas as respostas dos estudantes, o professor irá propor a eles que testem seu aprendizado sobre a lenda estudada respondendo a um Quiz.

-Após a realização do Quiz, o professor solicitará aos estudantes que produzam um outro final para a lenda estudada, em formato de desenho, e apresente oralmente para os colegas de classe.

-Realizada essa atividade, os estudantes confeccionarão com materiais reaproveitáveis o personagem principal da história: O Ururau da Lapa.

2ª AULA-DURAÇÃO: 4 HORAS

Desenvolvimento

-O professor iniciará a aula explicando o conceito de releitura.

-Após a explicação, o professor deve informar aos estudantes que eles assistirão a um vídeo contendo os textos e ilustrações do livro intitulado “Ururau Pançudo” de autoria das escritoras Sílvia Paes e Carmem Silva, que é uma releitura da lenda Ururau da Lapa.

-O professor deverá então exibir o vídeo: “O Ururau Pançudo”.

-Após as explicações e com todas as dúvidas sanadas sobre o que é releitura, o professor deverá solicitar que os estudantes realizem sua própria releitura da lenda estudada.

- A releitura será realizada pelos estudantes por meio de desenho e pintura.

-Após a realização da atividade de releitura o professor montará com os estudantes uma exposição dos trabalhos realizados no pátio da escola.

-Os estudantes fotografarão as pinturas produzidas e expostas com o aparelho *smartphone* ou *tablet*.

3ª AULA-DURAÇÃO: 4 HORAS

Desenvolvimento

-O professor iniciará a aula apresentando aos estudantes algumas histórias em quadrinhos.

-O professor conversará com os estudantes a respeito das HQs.

-O professor utilizando o objeto digital de aprendizagem (ODA) “Onoma... Onomatopeias e poemas”), apresentará alguns exemplos de onomatopeias e reproduzirá seus sons.

-Após o manuseio das histórias em quadrinhos, o professor entregará aos estudantes material impresso sobre histórias em quadrinhos e suas características.

-O professor irá então exibir o vídeo: “Duelo em Quadrinhos (1998) Turma da Mônica.”

-Após o vídeo, o professor então irá propor aos estudantes que, a partir da lenda Ururau da Lapa, montem uma história em quadrinhos utilizando imagens e balões impressos.

4ª AULA-DURAÇÃO: 4 HORAS

Desenvolvimento

-O professor dará início a aula convidando os estudantes a montar uma encenação teatral.

-O professor organizará os estudantes em grupos para encenar a lenda do Ururau da Lapa.

-Os estudantes deverão utilizar os materiais disponibilizados pelo professor e trabalhar de forma colaborativa na produção da encenação.

- Cada grupo encenará uma parte da lenda do Ururau dando sequência ao grupo anterior.

-As apresentações deverão ser filmadas com o aparelho *smartphone* ou *tablet* e mostradas para outras turmas da escola posteriormente.

5ª AULA-DURAÇÃO: 4 HORAS

Desenvolvimento

Ensino em perspectiva inclusiva: validação de uma sequência didática para estudantes com deficiência intelectual

- O professor iniciará a aula conversando com os estudantes sobre a lenda estudada e as atividades realizadas.
- O professor levará vários livros de Literatura Infantil para os estudantes manusearem em sala.
- O professor questionará aos estudantes se eles conhecem o processo de criação de um livro.
- Em seguida, o professor exibirá o vídeo: “Como se faz um livro?” que mostra o processo de criação de um livro.
- Após assistirem ao vídeo sobre a criação de um livro, o professor convidará aos estudantes para que em duplas elaborem um livro contando a lenda do Ururau da Lapa.**
- O professor fará a mediação em todo processo de construção do livro, enfatizando a importância também da criação da capa com o nome dos autores e ilustradores.
- Ao final os livros confeccionados serão postados no *padlet*.

Fonte: Elaboração Própria.

5. Considerações finais

Este artigo apresentou a validação da SD sobre o Ururau da Lapa, Lenda Regional de Campos dos Goytacazes-RJ, para estudantes com deficiência intelectual nos anos iniciais do Ensino Fundamental na área de Linguagens. O processo de validação pelas professoras do AEE revelou-se como uma valiosa contribuição, pois permitiu adequações na SD para que as atividades ficassem em consonância com os objetivos almejados.

A validação também permitiu que alguns recursos tecnológicos digitais fossem substituídos devido à escassez ou indisponibilidade na escola onde a SD foi implementada. Essas substituições favoreceram mudanças e adequações na SD, minimizando assim imprevistos e entraves.

No processo de ensino dos estudantes em geral, o docente pode se utilizar de estratégias diversificadas para explorar atividades no desenvolvimento da escrita, da oralidade, da comunicação e outras linguagens, para o aprendizado, desenvolvimento e construção do conhecimento. No contexto do ensino em perspectiva inclusiva, uma SD, associada a recursos tecnológicos digitais, constitui-se como uma importante estratégia de mediação dos processos de ensino em sala de aula.

Conclui-se, portanto, que a validação é importante para a pesquisa, pois os professores avaliadores trouxeram contribuições e sugestões de atividades e recursos a serem incorporadas na SD. O envolvimento dos professores avaliadores no processo de validação da sequência propiciou a construção de práticas de ensino adequadas à realidade dos estudantes e ao contexto em que estão inseridos, tendo em vista um ensino na perspectiva inclusiva de forma crítica e participativa, levando em consideração as transformações sociais e a crescente utilização de recursos tecnológicos digitais no cotidiano escolar e em toda a sociedade.

Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 222-245, jun. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/QtcRbxZmsy7mDrqtSjKTYHp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2022.

AMORIM, Carlos Wagner. **Portfólio de sequências didáticas utilizando as tecnologias digitais**. 2020. 55 f. Monografia (Especialização em Tecnologias Digitais e Educação 3.0.) — Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/35923>. Acesso em 31 ago. 2022.

BARBOSA FILHO, André. Audioaula: o som como suporte pedagógico em sala de aula. **Comunicação & Educação**, [S.l.], v.10, n.2, p.165-172, maio/ago., 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37524>. Acesso em: 03 set. 2022.

BERTOLLETI, Vanessa Alves. A arte de construir brinquedos com materiais reutilizáveis. In: congresso nacional de educação-EDUCERE, 9., [s. l.], out. 2009. **Anais [...]**. [s. l.]: PUCPR, 2009. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4706092/mod_resource/content/1/texto%20construindo%20brinquedos%20com%20sucata.pdf. Acesso em: 03 set. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 30 ago. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 30 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 30 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações para Implementação de Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva**. Brasília, 2015.

CARNEIRO, Relma Urel Carbone; COSTA, Maria Carolina Branco. Tecnologia e deficiência intelectual: práticas pedagógicas para inclusão digital. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 21, n. esp. 1, p. 706-719, out. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/10449>. Acesso em: 03 set. 2022.

CORTEZ, Luiz Cláudio dos Santos. Uso pedagógico do qr code em sala de aula. In: Congresso

Ensino em perspectiva inclusiva: validação de uma sequência didática para estudantes com deficiência intelectual

norte paranaense de educação física escolar – CONPEF, 9., Londrina, 2019; Congresso nacional de formação de professores de educação física, 4., Londrina, 2019. **Anais [...]**. Londrina: UEL, maio 2019. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/conpef/portal/pages/arquivos/ANAIS%202019%20-%20ARTIGOS%20COMUNICACAO%20ORAL%20E%20CARTAZ/USO%20PEDAGOGICO%20DO%20QR%20CODE.pdf>. Acesso em: 03 set. 2022.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p.81-108.

FELIPETO, Sonia Cristina Simões. Escrita colaborativa e individual em sala de aula: uma análise de textos escritos por estudantes do ensino fundamental. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 63, n. 1, p.133-152, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/g6xzcwZLvXg7gtVvRZF755F/?lang=pt>. Acesso em: 03 set. 2022.

FIRME, Ruth do Nascimento; AMARAL, Edenia Maria Ribeiro; BARBOSA, Rejane Martins Novais; TAVARES, Verônica Santos. Validação de sequências didáticas: Uma Abordagem CTS No Ensino Da Química. **Enseñanza De Las Ciencias: Revista De investigación Y Experiencias didácticas**, Barcelona, v. 1, n. extra, p. 2874-2879, 2009. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Ensenanza/article/view/294512>. Acesso em: 31 ago. 2022.

GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. **Tecnologia Assistiva para uma escola inclusiva**: apropriação, demanda e perspectivas. 2009. 346 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/10563>. Acesso em: 30 ago. 2022.

GIROTO, Cláudia Regina Mosca; POKER, Rosimar Bortoloni; OMOTE, Sadao (org.). **As tecnologias na construção de práticas inclusivas**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2012.

GOMES, Adriana Leite Lima; POULIN, Jean-Robert; FIGUEIREDO, Rita Vieira de. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**: O Atendimento Educacional Especializado para estudantes com Deficiência Intelectual. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

GUIMARÃES, Décio Nascimento; CRISTOFOLETI, Rita de Cássia; PEROVANO, Laís Perpetuo. (org.). **Práticas inclusivas em foco**. Campos dos Goytacazes: Encontrografia, 2020.

GUIMARÃES, Yara A. F.; GIORDAN, Marcelo. Elementos para validação de sequências didáticas. In: Encontro nacional de pesquisa em educação em ciências, Águas de Lindoia, 2013. **Atas do [...]**. Águas de Lindoia: ENPEC, nov. 2013. p. 1-8. Disponível em: http://www.lapeq.fe.usp.br/textos/fp/fppdf/guimaraes_giordan-enpec-2013.pdf. Acesso em: 15 dez. 2022.

JARDIM, Cleidiane Aparecida Costa Rocha; MARCELINO, Valéria de Souza. A relevância da validação de uma sequência didática sobre gravidez na adolescência baseada na metodologia da problematização. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, [s.l.], v.12. n.

4, p. 1-21, 2021. DOI: <https://doi.org/10.26843/rencima.v12n4a28>. Disponível em: <https://revistapos.cruzeirodosul.edu.br/index.php/rencima/article/view/3011>. Acesso em: 11 out. 2022.

JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo. **A tecnologia no ensino**: implicações para aprendizagem. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LUDKE, Menga; ANDRE, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão promove a justiça. [Entrevista cedida a] Meire Cavalcante. **Nova Escola**, 01 maio 2005. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/902/inclusao-promove-a-justica>. Acesso em: 27 ago. 2022.

MARTÍNEZ, Ana Laura; JAIMES, Laura Ramos. **Guia Prático para a Implementação de Pesquisas sobre o Uso de TIC em Escolas de Educação Primária e Secundária**. [s. l.]: Centro Regional para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação – Cetic.br, 2020. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/1/20201210122132/guia_pratico_para_a_implementacao_de_pesquisas_sobre_o_uso_de_tic_em_escolas_de_educacao_primaria_e_secundaria.pdf. Acesso em: 03 set. 2022.

MARTINS, Onilza Borges; MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. As tecnologias digitais na escola e a formação docente: representações, apropriações e práticas. **Revista Actualidades Investigativas en Educación**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 479-301, set./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.sa.cr/pdf/aie/v14n3/a20v14n3.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2022.

MATERA, Vilma Sayuri Marubayashi; LEAL, Zaira Fátima de Rezende Gonzalez. Arte e Deficiência Intelectual: caminhos, possibilidades e aprendizagem. In: Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2016**. Curitiba: SEED/PR, 2016. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uem_vilmasayurimarubayashi.pdf. Acesso em: 15 dez. 2022.

MENDES, Rodrigo Hübner (org.). **Tecnologias digitais aplicadas à educação inclusiva**: fortalecendo o desenho universal para a aprendizagem. 1. ed. São Paulo: Instituto Rodrigo Mendes, 2021.

PLETSCH, Márcia Denise; SOUZA, Isadora Martins da Silva; RABELO, Lucélia Cardoso Cavalcante; MOREIRA, Sayonara Corina Pussenti Coelho; ASSIS, Alexandre Rodrigues. **Acessibilidade e Desenho Universal na aprendizagem**. (Coleção acessibilidade e Desenho Universal na Educação). Campos dos Goytacazes: Encontrografia, 2021.

PORTELA, Neto. Ensino/aprendizagem de pessoas com Deficiência Intelectual (DI) Mediante Jogos Teatrais. **Cadernos Cênicos**, [s. l.], v. 3, n. 4, p. 1–10, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/CadCenicos/article/view/12816>. Acesso em: 04 out. 2022.

Ensino em perspectiva inclusiva: validação de uma sequência didática para estudantes com deficiência intelectual

QUEIROZ, Monique D' Oliveira Mendes de; PAULUCCI, Marília Barreto; FERREIRA, Carla Santiago; PINHO, Luciana Moratelli; LEITE, Valéria Pereira da Costa; SIQUEIRA, Ana Paula Legey de; MÓL, Antonio Carlos de Abreu; SANTO, André Cotelli Espírito; SILVA, Marcos Antonio. Sequências didáticas como suporte pedagógico na pandemia: “Reciclagem na quarentena”. **RECITE–Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. especial, p. 113-115, 2020. Disponível em: <https://recite.unicarioca.edu.br/rccte/index.php/rccte/issue/view/9>. Acesso em: 31 ago.2022.

RAGAZZON, Patrícia; SALUME, Célida. Múltiplas diferenças: o teatro entre pessoas com deficiência intelectual. **Ephemera Journal**, Ouro Preto, v. 3, n. 5, maio/ago., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/ephemera/article/view/4097>. Acesso em: 04 out. 2022.

RODRIGUES, Gabriela; COSTA, Gisele Maria Toninda. Deficiente Intelectual: os benefícios da psicomotricidade. **Revista de Educação do IDEAU**, Rio Grande do Sul, v. 12, n. 26, jul./dez. 2017. Disponível em: https://www.bage.ideau.com.br/wp-content/files_mf/31c30ec1362014bod097f6dcf134117c388_1.pdf. Acesso em: 15 dez. 2022.

SARTORETTO, Mara Lúcia; BERSCH, Rita de Cássia Reckziegel. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: Recursos Pedagógicos Acessíveis e Comunicação Aumentativa e Alternativa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

SILVA, Monalisa Lais Oliveira da; SILVA, Melissa Tais Oliveira da. MELO FILHO, Arnaldo Barbosa de; SANTO, André Cotelli do Espírito; LEGEY, Ana Paula. Proposta de Sequência Didática com o uso de tecnologias digitais para o desenvolvimento do letramento científico. **Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 1-13, 2017. Disponível em: <https://recite.unicarioca.edu.br/rccte/index.php/rccte/article/view/22/53>. Acesso em: 31 ago. 2022.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Problemas da Defectologia**. Organização, tradução e revisão técnica de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

ZABALA, Antoni. **Prática Educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Notas

ⁱ Lenda regional de Campos dos Goytacazes, que conta a história de um amor proibido entre um cortador de cana e a filha de um rico coronel, que, no desenvolver da história, acaba se transformando em um jacaré-de-papo-amarelo.

ⁱⁱ A versão completa pode ser acessada através do link:

https://docs.google.com/document/d/1V6V4afRKQ4JEdPaC-J_4-IOVMcF_LPT5/edit?usp=sharing&oid=109880948518559159806&rtpof=true&sd=true.

Sobre os autores

Sorahia Monteiro de Souza

Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pelos Institutos Superiores de Ensino do CENSA, pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Cândido Mendes e em Atendimento Educacional Especializado - Sala de Recursos Multifuncionais pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. Graduada em Licenciatura em Filosofia pela Uninter e técnica em Multimeios Didáticos pelo Instituto Federal Fluminense (IFF). Professora na Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes atuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental e no Atendimento Educacional Especializado, cursando Mestrado Profissional em Ensino e suas Tecnologias (MPET) no Instituto Federal Fluminense (IFF).

E-mail: sorahiadesouza@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4052-9852>.

Valéria de Souza Marcelino

Doutora em Ciências Naturais, com ênfase em Ensino de Ciências e Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Graduada em Farmácia e Especialista em Indústria pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Titular do Mestrado Profissional em Ensino e suas Tecnologias (MPET) no Instituto Federal Fluminense (IFF). Atuou como professora na Licenciatura em Química e no curso Técnico em Química do IFF.

E-mail: vmarcelino67@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6024-3771>.

Décio Nascimento Guimarães

Doutor e mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Coordenador do GT-15 Educação Especial da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) (2022/2023). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF). Docente e coordenador adjunto do Mestrado Profissional em Ensino e suas Tecnologias (MPET/IFF). Docente do Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem (PGCL/UENF).

E-mail: decio.guimaraes@iff.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1496-5407>.

Recebido em: 30/01/2023

Aceito para publicação em: 16/01/2024